

## O POÇO DAS ALMAS

Ernesto Wayne

Faixas violáceas esgarçam-se diante de seus olhos, véus interpostos entre ele e o vulto das coisas do quarto.

Ao espessar-se mais aquela máscara roxa, tudo a seu redor se torna impreciso como a imprecisa sensação de estar afundando colchão adentro.

Sente entranhar-se abaixo da superfície do leito, um ir sendo tragado aos poucos pela cama que adquire dimensões nunca supostas de um profundo lençol de lama branca.

Primeiro não consegue descolar a nuca e os calcanhares da cama que o absorve, depois é o resto do corpo submergindo na gosma de espuma do colchão.

Agora sua figura está ausente do quarto, sepultada no sumidouro do leito. Antes tentou firmar-se nos bordos do lastro, estender as mãos até a cabeceira, mas as mãos parecem-lhe amarradas, tolhidas pela nata pastosa que lhe imobiliza os braços e une os dedos como membranas de goma.

Naufraga lentamente no leito. Não pode apoiar os cotovelos nos flocos dissolvidos do interior do colchão. Debate-se no desatino de quem vai sendo sorvido por um pântano.

A vagarosa descida já ultrapassou a verticalidade do leito e o homem está no âmago do chão.

Raízes e rochas não detêm o resvalar do corpo, convertidas em matéria fugidia e frouxa e nem impedem o seu afundamento naquela geologia derretida. Paus entrelaçados, árvores petrificadas que as idades soterraram e a que busca se agarrar se liquefazem em barro deslizante. Blocos de cristais em que procura se escorar se tornam lodo transparente. Fragmentos de fósseis endurecidos se fundem em massas fluidas. Desce cada vez mais, camadas após camadas, naquele mingau lillaz em que nada de sólido se coagula. Duras formações vulcânicas se desfazem em lava morna.

Há a Impressão abandonada de um banho quente entorpecido. O calor dormente aumenta à medida que o corpo desce. O suor mistura-se ao vapor que emana dos últimos poros grudentos do fundo da terra, depois dos quais a carne cresta-se entre chamas.

E o féretro, baixado por cordas vagarosas ao Interior da sepultura, só cessa de descer ao pousar suavemente no seio incendiado dos infernos, depois de ter atravessado um túnel perpendicular e gelatinoso - o poço que liga a boca do túmulo à morada da danação das almas.

De alto a baixo da galeria sem fundo reboia o grito da derradeira maldição.